

A escrita etnográfica entre a Antropologia e a Literatura

Amana dos Santos Nesimi¹

Resumo

A análise antropológica envolve problemas relacionados à construção da etnografia e, nesse sentido, destaca-se a sua relação com o processo da escrita etnográfica. Assim, este trabalho discute o que não está explícito na construção das etnografias através da abordagem de filósofos como Walter Benjamin e György Lukács e de antropólogos como Marisa Peirano e Janice Caiafa. Alguns elementos contextuais são evidenciados, tais como: a relação entre o antropólogo e seu leitor, o problema da autoria e da autoridade e estratégias de escrita como a narração e a descrição. As considerações finais apontam para o reconhecimento do caráter atesanal da etnografia.

Palavras-chaves: narração; descrição; etnografia; diário de campo; notas de campo.

Abstract:

Anthropological analysis involves problems related to the construction of ethnography and, in this sense, its relation with the process of ethnographic writing stands out. Thus, this work discusses what is not explicit in the construction of ethnographies through the approach of philosophers like Walter Benjamin and György Lukács and of anthropologists such as Marisa Peirano and Janice Caiafa. Some contextual elements are evidenced, such as: the relationship between the anthropologist and his reader, the problem of authorship and authority, and writing strategies such as narration and description. The final considerations point to the recognition of the atheistic character of ethnography.

Keywords: narration; description; ethnography; field journal; field notes.

Introdução:

As relações entre a Antropologia e a etnografia configuram um amplo debate, que apesar de não ser o foco do presente texto aproxima-se das questões aqui discutidas, especialmente as relacionadas à escrita etnográfica. Se assumirmos o pressuposto de que a etnografia é um processo de construção e, portanto, de seleção, de maturação e de classificação, passa a ser necessário refletir acerca da escrita etnográfica, entendendo sua formulação e os problemas daí decorrentes.

A escrita etnográfica envolve um *corpus* textual mais amplo que a etnografia em si, produzida pelo antropólogo após determinado período da pesquisa. Nessa perspectiva, é fundamental evidenciar as modalidades escrituárias que compõem a etnografia direta ou indiretamente. Embora essas variabilidades da escrita não estejam necessariamente colocadas de maneira totalmente explícita, não significa que não sejam dotadas de expressividade. Nesse artigo, dois dispositivos utilizados para a construção da

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF)

etnografia serão evidenciados: as notas de campo e os diários de campo. No entanto, cabe ressaltar que esses instrumentos não são os únicos possíveis.

A fim de tratar da escrita etnográfica e suas ferramentas, assuntos correlatos aparecem, como a descrição e a narração; as noções de verdade e de ficção e a questão da autoridade antropológica. Os questionamentos em torno desses temas ilustram a problemática sobre o que, no final das contas, os antropólogos fazem. Assim, a escrita etnográfica será pensada, aqui, como ponto de partida para refletir sobre o conhecimento antropológico produzido e também para explicitar as sucessivas ações que são tomadas pelo antropólogo em detrimento das diferentes modalidades da escrita antropológica.

Com o propósito de tratar das estratégias da “escrita da cultura”, este artigo está dividido em dois momentos. No primeiro, faz-se necessário tratar da narração e da descrição como artifícios da escrita, apontando como elas impactam e direcionam nossas investigações científicas. O trabalho narrativo na etnografia, por exemplo, foi trabalhado pelo sociólogo e estatístico norte-americano Paul Atkinson (1990) que publicou fragmentos dos diários de campo com o também sociólogo interacionista Everett Hughes. Por sua vez, para James Clifford (1991) descrições não são meras interpretações, mas constroem retóricas escritas. Um dos problemas da descrição das sociedades não-ocidentais, segundo Caiafa (2007), é tratar os indivíduos como um grupo homogêneo que se subordina a receber ordens sem hesitar. Segundo Benjamim, a descrição nivela e a narrativa ordena, distingue.

Na segunda parte do trabalho, trato do diário de campo e das notas de campo. Segundo Luís Fernandes (2002) mais do que aprender a elaborar registros, a reflexão sobre o diário de campo permite confirmar processos e validar modos narrativos. No entanto, nem tudo registrado no diário de campo será colocado na etnografia final. Conforme salientou o antropólogo Marco Mello, em uma das aulas, um dos aspectos que devem ser contemplados na etnografia é a noção do todo sem necessariamente ter que dizer tudo que foi pesquisado.² Por conseguinte, neste texto, busca-se relacionar os gêneros narrativo e descritivo e os procedimentos de escrita (nota de campo e diário de campo) com e as etnografias.

Etnografia: entre a descrição a narração

² Nota de aula, referente as aulas ministradas pelos professores Marco Antonio da Silva Mello e Felipe Berocan Vegiga na disciplina optativa “Problemas Específicos de análise antropológica: das notas de campo aos destinos de nossas etnografias”, oferecida no segundo semestre de 2018, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF).

É sabido que a etnografia tem fundamental importância para o ofício do antropólogo. No entanto, não há unanimidade com relação a sua cientificidade, eficácia, seus alcances, entre outros. Então, é primordial, em primeiro lugar, reconhecer essa multiplicidade de entendimentos. Para Janice Caifa (2007) a etnografia é um método-pensante, uma vez que o etnógrafo na situação de observação participante também produz pensamento. Já para a antropóloga Mariza Peirano (2014), a etnografia não se resume a um método ou detalhe metodológico que antecede a teoria, mas trata-se de um empreendimento teórico da antropologia. A etnografia no campo é a própria teoria antropológica. Na verdade, seu posicionamento é resultante de uma reflexão sobre o *status* científico da antropologia, pois acreditava-se³ que a formulação de hipóteses não poderia anteceder o início da pesquisa. Por outro lado, Peirano (2014) não só suspende a discussão em torno do momento exato que se começa a fazer campo, mas demonstra que a própria indagação etnográfica já possui caráter teórico. Dentre os três requisitos que caracterizam uma “boa etnografia”, Peirano (2014) destaca a transformação da experiência vivida em texto. Considera, inclusive que esse seja um dos maiores desafios da antropologia, textualizar a ação vivenciada em palavras sequenciais na forma de frases, parágrafos e capítulos.

Para refletir a respeito da narrativa, recorro aos textos *O Narrador* de Walter Benjamin e *Narrar ou Descrever?* de Georg Lukács (ambos da década de 1930), textos que são de suma importância para pensar essa temática. Os autores foram influenciados pelo pensamento marxista e são críticos literários e, embora nenhum deles dialogue diretamente com a antropologia ou com o pensamento antropológico, tal característica não significa que não seja possível estabelecer pontes entre as duas áreas de a literatura e antropologia.

O texto de Walter Benjamin se espelha na literatura do autor russo Nikolai Lesvok para tratar a extinção da capacidade da arte de narrar na atualidade. Conforme aponta o autor, narrar refere-se a competência de intercambiar experiências. Para ele, as melhores narrativas são aquelas que pouco se diferenciam das histórias orais. A partir daí, Benjamin destaca dois tipos de narradores: a figura do marinheiro comerciante, que se aproxima do narrador que vem de longe e o camponês sedentário, que é aquele imerso na tradição do país, de onde nunca saiu. No entanto, ambos são importantes para a compreensão da narração. Para o autor:

³ Mariza Peirano (2014) cita Florestan Fernandes que, segundo ela, não admitia que hipóteses fossem levantadas antes do início da pesquisa. (PEIRANO, 2014, p.380)

Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias. [...] A extensão real do reino narrativo, em todo seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levamos em conta a interpretação desses dois tipos arcaicos. (BENJAMIN, 1980, p. 199)

Paralelamente, pode-se pensar que o mesmo movimento acontece com os antropólogos. O antropólogo é uma espécie de narrador que relata o que foi observado na pesquisa, mas não se restringe a isso, pois o etnógrafo também precisa dar conta do que ouviu, do relato dos outros sobre a sua experiência. (CAIAFA, 2007)

No início da consolidação da disciplina da Antropologia, o antropólogo estava preocupado em falar sobre o “outro” distante tanto espacialmente como mentalmente. No entanto, com a virada teórica e prática da disciplina para a pesquisa “dele próprio”, muito influenciada pelos estudos da Escola de Chicago e a Escola Antropológica de Manchester, o antropólogo passa a estudar a sua própria sociedade. Porém, tanto uma perspectivas como a outra tem relevância nos estudos antropológicos atuais.

A preocupação com o contexto é uma das primeiras semelhanças que circunscrevem tanto o narrador como o antropólogo. Aquele, conforme aponta Benjamin, “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias que foram informados dos fatos que vão contar”(BENJAMIN, p.205, 1980). Da mesma forma, o antropólogo, tem como um dos principais requisitos para uma boa etnografia, explicitar os meios pelos quais a pesquisa foi viabilizada.

Se para Benjamin o narrador é aquele que torna a experiência comunicável, é possível pensar que o antropólogo é aquele que esmiuça sua experiência no campo. Outra semelhança possível de ser pensada é a dimensão utilitária que está presente tanto na narrativa como na pesquisa antropológica. Para Benjamin, é possível que a utilidade da narrativa seja resida na possibilidade da mesma ser entendida como sugestão prática. Na Antropologia, a utilidade, no sentido amplo, seria analisar e compreender o mundo social. Porém, assim como a narrativa, segundo Benjamin, está mais preocupada em dar continuidade a história narrada do que dar uma resposta definitiva, similarmente as conclusões de um trabalho antropológico costumam enfatizar mais a complexidade das realidades múltiplas e suas possibilidades do que encerrar a discussão sobre os assuntos relacionados.

Narrar, como sugere Benjamin (1980), implica em saber narrar, assim como etnografar também sugere saber etnografar sem, contudo, recair em “etnografismo”.

Conforme ressalta Mello⁴, o descritivismo e o etnografismo são distorções da escrita etnográfica que devem ser consideradas. Embora a descrição seja um recurso utilizado para a escrita etnográfica essa não se limita àquela. O excesso de descrição pode não colaborar para o melhor aproveitamento do trabalho, pelo contrário, pode apenas atrapalhar a fluidez e o desenvolvimento do argumento. O antropólogo Felipe Berocan acrescenta que ao ler a palavra romance deve-se ter em mente a palavra etnografia⁵.

Benjamin (1980) nesse mesmo texto, também investe na diferenciação entre o narrador, (antes de tudo um personagem) e o romancista. Enquanto o primeiro está relacionado a tradição oral e a comunicabilidade da experiência, o segundo surge em função do aparecimento da imprensa e do isolamento do indivíduo. Nele a pobreza da experiência comunicável é evidenciada. Ainda, outro ponto crítico, levantado pelo autor, é a aproximação do trabalho do narrador com o trabalho manual, pois para Benjamin a narrativa é uma forma artesanal de comunicação.

Na Antropologia, essa dimensão artesanal da escrita antropológica é valorizada. Assim, como salientaram Marco Mello e Felipe Berocan a maneira como o antropólogo registra e, portanto, escreve as notas de campo, o diário de campo, enfim a sua etnografia, muda substancialmente em função do momento da pesquisa. Há um processo de maturação e refinamento do que está sendo escrito e a passagem de uma delas para outras requer reconhecimento da artesanidade da escrita do antropólogo. A narrativa é uma forma artesanal de comunicação e impõe uma ordenação, não sendo um objetivo transmitir o “puro em si”. Assim, o profissional de antropologia também não está preocupado com a “realidade em si” das coisas, visto que toda realidade é real do ponto de vista daqueles que produzem realidades. Não cabe ao antropólogo afirmar o que é ou deixa de ser real perante o seu grupo estudado.

Descrição etnográfica e a narrativa etnográfica. A etnografia é uma forma de narrativa da antropologia, por isso a necessidade de dialogarmos com a literatura.

Georg Lukács⁶ em *Narrar ou Descrever* (1936), a partir da comparação de duas descrições distintas de corridas de cavalo feitas por dois escritores, constrói seu

⁴ Nota de aula, referente as aulas ministradas pelos professores Marco Antonio da Silva Mello e Felipe Berocan Vegiga na disciplina optativa “Problemas Específicos de análise antropológica: das notas de campo aos destinos de nossas etnografias”, oferecida no segundo semestre de 2018, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF).

⁵ Ibidem.

⁶ Segundo o antropólogo Marco Mello o texto *Narrar ou Descrever?* de Georg Lukács ainda é pouco usado pelos antropólogos. Nota de aula, referente as aulas ministradas pelos professores Marco Antonio da Silva Mello e Felipe Berocan Vegiga na disciplina optativa “Problemas Específicos de análise

argumento sobre as diferenças entre narrar e descrever. No entanto, vale ressaltar que nem sempre a descrição teve importância na literatura, sendo esse o caso, por exemplo, do romance do século XVIII que não conheceu a descrição. Segundo Lukács, a contraposição entre narrar e descrever diz respeito a atitude de viver os acontecimentos ou limitar-se a observá-los de forma contemplativa.

Um dos romances analisados por Lukács chama-se *Naná* e foi escrito pelo romancista francês Émile Zola e o outro *Ana Karenina* do escritor russo Liev Tolstói. Embora o evento em si seja o mesmo, no primeiro caso a corrida de cavalos é coadjuvante, ou seja, há pouca conexão entre o acontecimento e o tema central. Já no segundo romance, o fim da corrida, inaugura uma nova fase para todos os personagens do romance. Lukács ainda que reconheça na descrição de Zola a preocupação em revelar a trama que causou a surpresa no final do livro, considera que sua descrição representa um desvio dentro do conjunto do romance. Diferentemente do que acontece na obra de Tolstói na qual ele não se limita a descrever uma coisa ou evento, mas narra acontecimentos humanos. A diferença dos relatos indica pontos de vista divergentes. Em Zola a corrida é contada a partir da perspectiva do espectador e em Tolstói é narrada do ponto de vista do participante. Para Lukács, participar ou observar são duas posições socialmente necessárias, assumidas pelos escritores, em dois sucessivos períodos do capitalismo; são duas maneiras de encarar a realidade.

Do ponto de vista da pesquisa etnográfica *observar* e *participar* são posturas mais complexas visto que não se restringem aquele que escreve, mas também aquele que é observado. Se na história da antropologia há uma ampla discussão em torno da observação e participação do pesquisador na vida “nativa”, o mesmo acontece com os “informantes”⁷, pois não são apenas passivamente observados pelo pesquisador, mas também observam. Especificamente no caso da antropologia, o observador é o escritor da atividade observada.

A apresentação dos resultados de uma experiência de campo não é uma tarefa mecânica, mas sim de criação, o mesmo acontece com a maneira como o antropólogo irá se dirigir ao leitor no texto. Segundo Caiafa (2007) o relato etnográfico envolve problemas de escritura, comunicação e tradução. A autora defende que o texto deveria

antropológica: das notas de campo aos destinos de nossas etnografias”, oferecida no segundo semestre de 2018, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF).

⁷ Segundo Caiafa na tradição antropológica informantes são aquelas pessoas que o antropólogo encontra no campo e com as quais estabelece contato. (CAIAFA, 2007, p. 137)

evocar a produção coletiva que é característica do campo e implica na pluralidade de vozes e presenças.

Ainda com relação a produção do texto etnográfico e como apresentá-lo, o uso do discurso direto ou indireto e suas variantes criam efeitos na compreensão da pesquisa. Para Caiafa (2007) embora o texto etnográfico não requeira a eleição definitiva de uma modalidade de transmissão do discurso do outro, a autora argumenta que não se deve criar mais obstáculos do que aqueles já existentes entre o leitor, a experiência de contato com o outro e as palavras do pesquisador. Além disso, afirma que as modalidades mais flexíveis dos tipos de discurso é que são ideais para o texto etnográfico. Por fim, o leitor não deve ser um agente passivo, mas engajado e levado a pensar naquilo que nunca havia pensado antes por conta própria. Em outras palavras, o leitor deve ser surpreendido.

O início da prática da disciplina antropológica está marcada pela pouca participação na vida do nativo. No entanto, com o processo de maturação da área, há a defesa da observação participante, pois na pesquisa etnográfica a participação do etnógrafo também produz conhecimento. Para Lukács (1936) não há causalidade entre participar e observar, essa diferença significa mais uma postura do escritor diante da vida do que um método de representar conteúdo.

Na prática antropológica contemporânea os limites entre a observação e a participação são esferas flúidas. Durante meu trabalho de campo para elaboração da dissertação de mestrado *Dança do ventre sem ventre: aspectos sobre um processo de profissionalização* em um estúdio de dança do ventre em Campo Grande, bairro situado na zona oeste do município do Rio de Janeiro, me deparei com essa dificuldade. Ao mesmo tempo em que percebia a necessidade de não fazer a aula de dança e apenas assisti-la para fazer as anotações que julgava pertinentes, toda vez que optava por não fazê-la criava-se um clima de desconforto na sala. Inclusive, fui chamada para conversar em particular para esclarecer se eu estava tendo algum problema com a professora. Ainda que eu já tivesse explicado a minha condição de pesquisadora isso não era bem entendido no campo. Outro questionamento levantado por Lukács (1936), ainda relacionado ao contraste entre participar e observar, é de que na literatura não há fenômenos puros. Semelhantemente, o antropólogo também não encontra em campo relações sociais em seu estado de pureza, pelo contrário, o que se tem são pessoas e coisas situadas, disputadas e negociadas. Um desdobramento dessa condição de observador e participante do antropólogo é a construção da autoridade etnográfica, que

pode ser dada a partir de diversos recursos textuais. Essa construção está ligada a posição privilegiada do etnógrafo que traz a experiência singular do campo para os leitores.

Na busca por uma realidade integral, o excesso de descrição pode ser entendido com aquela parte do romance que sobra, que não faz falta, pois nem toda descrição é decisiva para a explanação da experiência. Na construção de uma etnografia, acredito que isso deva ser levado em consideração.⁸

Lukács (1936) acredita que a descrição rebaixa os homens à condição de seres inanimados, pois essa perspectiva de comprometimento com o real cristaliza as situações no momento da descrição. A simples descrição corre o risco da superficialidade e de atribuição de uma visão estática da realidade. O narrador, ao contrário, estimula a compreensão da realidade como um processo de transformação. Uma maneira de evitar esse risco na produção da etnografia talvez seja amarrar ao máximo o contexto ao objeto etnografado, ressaltando o dinamismo e a mutabilidade das relações.

Outro tópico que merece atenção é que a descrição, muitas vezes, lança mão do princípio da seleção. Retomando a questão da diferença entre “tudo” e “todo” na etnografia, um exemplo que pode ser destacado a fim de ilustrar essa questão foi dado pelo professor Marco Mello⁹ ao falar de uma das estratégias de escrita utilizadas pelo romancista Umberto Eco na elaboração do livro *O Nome da Rosa*, publicado pela primeira vez na década de 1980. Posteriormente, no livro *Pós-escrito a O Nome da Rosa*, o escritor italiano descreve as origens e o processo de criação do romance. Nesse sentido, acredito que o extrato abaixo evidencia esse processo:

Daí as longas pesquisas arquitetônicas sobre fotos e projetos na enciclopédia de arquitetura, para estabelecer a planta da abadia, as distâncias e até mesmo o número de degraus de uma escada de caracol. Marco Ferreri disse-me certa vez que os meus diálogos são cinematográficos porque duram o tempo exato. Lógico, quando dois de meus personagens falavam andando do refeitório ao claustro, eu estava escrevendo com a planta debaixo dos olhos, e quando chegavam paravam de falar (ECO, 1985, p.23)

⁸ Certa vez o professor Felipe Berocan nos fez refletir sobre essa questão. Lembro-me de ter perguntado sobre o deslocamento a campo utilizando uma bicicleta. Perguntei se esse tipo de informação deveria ser colocada na etnografia. Como resposta o professor me que se a ida de bicicleta significasse ou revelasse uma condição específica do trabalho, eu deveria registrar sim. De forma complementar, recordo-me do professor Mello dizendo-se que de antemão não há como prever o que entrará ou não na etnografia.

⁹ Nota de aula, referente as aulas ministradas pelos professores Marco Antonio da Silva Mello e Felipe Berocan Vegiga na disciplina optativa “Problemas Específicos de análise antropológica: das notas de campo aos destinos de nossas etnografias”, oferecida no segundo semestre de 2018, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF).

Como observado, no processo de criação Umberto Eco se utiliza das mais diversas fontes, contudo, no texto final tais informações não aparecem de forma explícita. É possível fazer uma analogia entre a construção do discurso literário de Eco e a escrita etnográfica. Assim como o escritor seleciona o que será contemplado no romance, o etnógrafo no momento da escrita escolhe o que será incorporado à etnografia.

“De volta às etnografias”¹⁰

Para Gilberto Velho (2005) uma das maiores dificuldades de narrar um evento consiste em transmitir o clima do que está sendo descrito, em outras palavras, a sucessão dos fatos no tempo; o número de participantes; a reconstituição das interações. Ademais, outra dificuldade está em transmitir a ideia de que as pessoas que estavam envolvidas na situação não entendiam que nada de anormal estivesse acontecendo. A narração pelo autor (Velho, 2005) de um episódio ocorrido em 1978 que envolvia a incorporação de um preto velho no corpo de um homem de meia idade no meio da rua expressa bem esse último aspecto. A primeira coisa que chamou sua atenção foi a formação de uma fila heterogênea inesperada: pessoas de diferentes categorias sociais, ou seja, de faixas etárias, classes sociais, profissões, entre outras características.

O preto velho é uma entidade da umbanda e tem como características ser negro, velho e ex-escravo, dotado de imensa sabedoria e que também pode ser apresentado como um velho guerreiro africano. Apesar de seus atributos físicos, isso não significa que a entidade não possa se manifestar no corpo de uma pessoa com atributos totalmente diferentes. Aquelas pessoas que estavam na fila, conseguiam reconhecê-lo pela forma de falar e a maneira como usava o corpo. A fila e, conseqüentemente, o ritual embora tenham sido improvisados, não foram desorganizados. Naquela ocasião, os que foram reconhecidos como filhos de santo, os fiéis mais graduados que assistiam o acontecido, começaram a organizar a situação. Depois de uma hora de consulta, decidiram encerrar a sessão, a fila foi desfeita e o homem pegou o ônibus normalmente e foi embora.

A partir desse episódio, Velho (2005) pondera sobre aspectos da situação que devem ser analisados de maneira mais cautelosa. O primeiro deles é que a própria maneira como a situação foi conduzida já evidencia a sua negociação diante dos agentes

¹⁰ Subtítulo inspirado em uma das sessões da disciplina “Problemas Específicos de análise antropológica: das notas de campo aos destinos de nossas etnografias”

sociais. O segundo, tendo como base o local aonde aconteceu, lugar não sagrado e não próprio para o ocorrido, abre um campo de possibilidades, pois naquele espaço várias trajetórias se cruzaram: por um lado havia a crença nos espíritos e por outro a possessão como fator aglutinador. Dito de outra maneira, o campo de possibilidades apresentado naquele momento, resultado das construções do processo sócio-histórico, além do potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. Um terceiro aspecto é o desaparecimento da possível relação hierárquica entre as distintas categorias sociais presentes na fila, como por exemplo, entre empregadas domésticas e as senhoras de classe média que poderiam ser suas patroas. Na narração desse evento, de acordo com Velho (2005) uma das tarefas mais difíceis do antropólogo, também evidencia outros pontos consideráveis para além daquela situação. Nela fica evidente a ação coletiva que foi organizada a partir de crenças e valores compartilhados; a densidade de uma situação social e a sociedade complexa como lugar no aonde coexistem diferentes mundos sociais.

Outro exemplo a fim de aprofundar a temática da escrita antropológica e seu caráter literário e narrativo é a obra *Tristes Trópicos* do antropólogo francês Claude Lévi- Strauss (1955). A importância desse livro para o debate da Antropologia com a Literatura é inegável.¹¹ Na década de 1950, o livro chegou a ser cogitado para ser inscrito ao prêmio literário *Goncourt*, considerado o mais importante na França. No entanto, devido a polêmica em torno da sua classificação como obra literária, decidiu-se não inscrevê-lo. O episódio foi ponto de partida e um dos problemas principais de pesquisa da pesquisadora Melissa França (2006) em sua dissertação que se ocupou justamente em discutir o limiar entre a etnografia e a literatura na obra *Tristes Trópicos*. Não se pretende no presente texto refazer sua argumentação, mas pontuar alguns tópicos relativos à narração e à descrição que pareceram pertinentes para essa discussão.

Em seu trabalho, França (2006) traz o debate do filósofo russo Mikhail Bakhtin sobre *Tristes Trópicos*. Esse último autor inscreveu o livro como gênero relato de viagem, porém reconhece que devido a densidade da obra é possível lê-lo e inserí-lo em outros gêneros. Além disso, reconhece que em determinados momentos de sua obra, o antropólogo se distancia desse gênero textual. Segundo França (2006) um dos traços constitutivos dos relatos de viagem é a descrição, que é uma maneira de tornar o novo

¹¹ Ver Gomes (2001), Peixoto (2006), França (2006), Geertz (1989).

inteligível ao leitor. A necessidade da descrição está ligada a urgência de tratar as descobertas e o desconhecido, o que em muito se afasta da função ornamental da descrição nas obras assumidamente ficcionais. No entanto, ainda de acordo com a autora (França, 2006), a descrição não se restringiria à transmissão de informações inéditas, mas a criação de uma certa familiarização do novo.

Na tentativa de descrever o que ainda era desconhecido, o uso da analogia foi um recurso importante muito utilizado pelos viajantes. A analogia dizia respeito as aproximações entre o objeto observado e algum objeto similar pertencente ao universo do autor do relato. Conforme destaca França (2006), isso pode ser observado em um dos trechos da obra dos *Tristes Trópicos* como vemos a seguir:

grande floresta úmida de coníferas, varando o emaranhado de cipós e de samambaias para erguer no céu *formas inversas às de nossos pinheiros*: não cones afilados no cume, mas, ao contrário – vegetal regular que encantaria Baudelaire –, sobrepondo ao redor do tronco as bandejas hexagonais de seus galhos, e alargando-as até a última que desabrocha numa gigantesca umbela” (LÉVI-STRAUSS, 1955, *apud* FRANÇA, 2006, p.74, *grifo da autora*).

Ainda pensando a relação entre Antropologia e Literatura, destaca-se, também o capítulo 37 do livro de Lévi-Strauss, intitulado *A apoteose de Augusto*, escrito em um momento crítico da pesquisa de campo do antropólogo francês: situação adversa de conflito tribal, doença e isolamento. Nesse capítulo o antropólogo se reapropria da tragédia *Cina* de Pierre Corneille. No início dessa peça, o Senado decide conceder a Augusto a apoteose. Isso significa, entre outras coisas, a passagem da humanidade para a divindade, a expulsão do mundo. As expectativas com relação a essa mudança de *status* são diversas. Os artistas queriam que ele deixasse de ser representado como pessoa e virasse ideia. Logo, abandonar as estátuas de mármore e virar turbilhões. Os sacerdotes também viam vantagens nessa troca, uma vez que eram eles que faziam a mediação entre os homens e os deuses. As demais autoridades acreditavam que era uma possibilidade de consolidar a ordem, inclusive sua esposa Lívia, que via essa alternância de forma positiva. Todos, com exceção de sua irmã Camila, que propõe que ele se encontre com um velho amigo chamado Cina que acabara de regressar depois de longos dez anos de aventura. Segundo ela, Cina poderia conter o irmão, mas a esposa de Augusto estava contra, pois para ela o aventureiro representava a desordem. Augusto ficou inclinado a discordar da mulher, no entanto se calou. Posteriormente, Augusto tem um encontro com uma águia que o faz perceber que uma das mudanças que precisavam acontecer, no nível do pessoal, era de tornar familiar aquilo que lhe parecia repugnante.

Ele deveria ser capaz de controlar suas emoções e sentimentos e flexibilizar algumas ideias. Depois desse episódio, ele decide se reencontrar com o amigo, mas esse não está no seu melhor momento.

Cina se sente fracassado visto que após ter feito longas viagens, não conseguiu construir o reino que esperava. Os atributos que eram esperados em Augusto, Cina os tinha de alguma maneira, mas ambos possuíam papéis distintos. Se Augusto representava a ordem, Cina representava a “contra ordem”. No reencontro, a insatisfação de Cina fica mais fortemente evidente com seu distanciamento de Camila. Ao que tudo indica, no passado, um sentimento ou algum tipo de relação havia entre Camila e Cina. Augusto se sentiria honrado em conceder a mão de sua irmã ao amigo, mas esse último não a queria dentro desses parâmetros de ordem. No final das contas, o que se tem é o reencontro de dois amigos de infância que se encontravam em momentos decisivos de suas trajetórias e precisavam, de alguma forma, manter a coerência de seus respectivos rumos. Uma situação de calamidade ambiental, em Roma, faz com que os amigos combinem uma saída e então Cina mata Augusto e suas representações e apresentações estavam garantidas. O antropólogo Guilherme Simões Gomes Júnior (2001) afirma que enquanto na tragédia de Pierre Corneille há o conflito entre república e império, em Lévi-Strauss existe a oposição entre selva e civilização.

A preocupação com a escrita etnográfica nem sempre foi central, como explicita James Clifford (1986) na introdução do livro *A Escrita da Cultura: poética e política da etnografia*.¹² A escrita era simplificada, um método que se restringia a uma escrita atenta e detalhada dos resultados. No entanto, com o amadurecimento da disciplina passa a ser discutida a relação da etnografia com a ficção. Clifford (1986) destaca que a palavra ficção passa por um processo de ressignificação. Antes, estava muito relacionada com a ideia de falsidade, mas, hoje, sugere uma certa parcialidade das verdades culturais e históricas. No sentido amplo, o autor acredita que os escritos etnográficos podem ser considerados como ficções se os entendermos como algo modelado. Edmund Leach, autor citado por Peirano, afirmava que etnografias são ficções que se traduzem como se fossem equilibradas (PEIRANO, 2014, p. 383) .

O problema da escrita etnográfica perpassa diferentes momentos de sua elaboração. Essa mesma escrita também passa por um processo de maturação que é acompanhada pela coleta de dados. Faz-se necessário mencionar como a escrita

¹² O título original do livro é *Writing culture: the poetics and politics of ethnography* (1986).

etnográfica pode aparecer nas notas de campo e no diário de campo, pois ambos são recursos centrais na pesquisa etnográfica. Tais anotações caracterizam o pesquisador e o acompanham na experiência do trabalho de campo, pois são responsáveis pelo registro das impressões da observação direta do pesquisador. Para Caiafa (2007) as notas de campo são também um diário de viagem.

Clifford (1991) divide três momentos distintos na constituição das notas de campo. Ele ressalta, porém, que esses momentos estão artificialmente separados porque podem ser alternadas no campo. O primeiro momento é de inscrição, no qual se elabora uma nota mental. No segundo momento há a transcrição, que se caracteriza pelo momento em que o antropólogo transcreve o que está sendo informado pelo grupo pesquisado. O terceiro momento corresponde à fase da descrição na qual é elaborada uma representação mais ou menos coerente da realidade cultural observada. O antropólogo diz que a etnografia mantém uma relação com o que é produzido nas notas de campo.

A construção do diário de campo é individual e múltipla, pois depende de circunstâncias contextuais da pesquisa, portanto, não existe rigidez com relação a sua confecção. Há também um longo debate com relação ao destino dos diários de campo, pois ainda hoje permanecem como documentos para uso do exclusivo do investigador. No entanto, é interessante perceber que embora seja geralmente privado ele pode ser elaborado de maneira sofisticada e complexa. Por esse motivo, se faz relevante destacar o diário de campo de Luís Fernandes (2002) em territórios psicotrópicos.

O antropólogo Luís Fernandes, desde a década de 1990, realiza pesquisa etnográfica do fenômeno droga no bairro do Aleixo, Porto, em Portugal. A fim de tratar da temática, Fernandes (2002) opta por um dos aspectos que considera centrais da pesquisa etnográfica: o registro das notas de campo e sua materialização na elaboração do diário de campo. O autor dividiu em cinco partes seu diário de campo. A primeira é a observação que pode ser direta, distanciada e desimplicada em situações de anonimato ou a observação participante que é mais demorada e intensa. A segunda são as notas de campo¹³ que é a parte mais conceitual do diário, na qual são registradas as descobertas do pesquisador. O antropólogo português salienta que algumas partes das notas de campo são utilizadas diretamente no texto final por serem, de algum modo, resultados e não dados brutos. A terceira parte são as notas metodológicas que registram os

¹³ No original chama-se notas de terreno. Em Portugal, eles utilizam terreno ao invés de campo.

comentários de índole metodológica. Segundo ele, essas notas além de cumprirem o objetivo de autovigilância do investigador também eram o lugar da modalidade narrativa. A quarta são os fragmentos discursivos que foi a parte do diário que buscou registrar os dados que surgiram de forma fragmentária e, por fim, como quinta parte as fichas biográficas de cada um dos atores sociais com os quais se comunicavam regularmente.

Considerações finais:

Diante do que foi exposto e admitindo que a etnografia é um “vir a ser”, olhar para a escrita da etnografia é descortinar os procedimentos textuais adotados pelo antropólogo, apontando as implicações de cada um deles para a escrita da etnografia. A escrita da etnografia, por parte do antropólogo, e a escrita etnográfica, pensada como um fazer da Antropologia, envolvem a reflexão acerca da relação da Antropologia com a escrita. Pensar a respeito da etnografia é refletir sobre as condições de produção da pesquisa antropológica e o local da autoridade antropológica. Nesse sentido, se faz necessário ponderar a respeito da função ambígua do texto: fixar realidades vividas e sentidas pelos antropólogos, por um lado, e por outro contribuir para o conhecimento científico.

A partir do diálogo feito entre a Antropologia e a Literatura, de uma maneira geral, a admissão da artesanidade do texto etnográfico e por conseguinte seu caráter ficcional é outro tópico que merece destaque. No entanto, isso não significa que esteja sendo colocado em dúvida propriamente a validade científica da pesquisa, pelo contrário, é ressaltada a especificidade do trabalho do antropólogo. A partir dos autores estudados e das discussões por eles provocadas é possível concluir que na escrita etnográfica existe a necessidade de dosar a descrição, evitando o descritivismo. Por outro lado, o favorecimento da narrativa na etnografia também é um instrumento importante a fim de que não se corra de construção de versões distorcidas da escrita etnográfica.

Referências bibliográficas:

ATKINSON, P. *The ethnographic imagination. Textual construction of reality*. London and New York: Routledge, 1990.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN; ADORNO; HORKHEIMER; HABERMAS. São Paulo: Abril Cultural. 1980. pp. 57-74. (Col. Os Pensadores).

CAIAFA, Janice. *A pesquisa etnográfica. Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CLIFFORD, James. Notes on (Field) notes. In: SANJEK, Roger (Ed.). *Fieldnotes: The Makings of Anthropology*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1991. p. 47-68.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. *A Escrita da Cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens Edições, 2016 [1986].

ECO, Umberto. *Pós-Escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERNANDES, Luís. Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: facetas da escrita etnográfica. In: CARIA, Telmo H. (Org.). *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

FRANÇA, Melissa Matos. *Tristes trópicos, de Claude Lévi-Strauss: entre a etnografia e a literatura*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GEERTZ, Clifford. El mundo en un texto. Cómo leer «Tristes trópicos». In: _____. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós Estudio, 1989. p.35-58.

GOMES JÚNIOR, Guilherme S.. Lévi-Strauss e Corneille, leitores de Cina. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo. v.59, p.97-109, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever. In: _____. *Ensaio de literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 43-94.

NESIMI, Amana dos Santos. *Dança do ventre sem ventre: aspectos sobre um processo de profissionalização*. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

PEIRANO, Marisa. A Favor da Etnografia. In: _____. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 31-58.

_____. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. v. 20, n. 42, Jul.-Dez. p. 377-391, 2014.

PEIXOTO, Fernanda A. O nativo e o narrativo. Os trópicos de Lévi-Strauss e a África de Michel Leiris. In: GROSSI, Miriam Pilar; MOTTA, Antonio; CAVIGNAC, Julie Antoinette (Eds.). *Antropologia francesa no século XX*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco e Editora Massangana, 2006.

VELHO, G. Unidade e fragmentação em sociedade complexas. In: SOUZA, J.; BERTHOLD, Ö. (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005, p. 250-267.

_____. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.